

Esta pesquisa, que tem como título *Manifestações culturais de matiz africana: uso de banhos sacrais e medicinais na perspectiva do candomblé com estudantes do ensino médio*, pretende analisar como esse estudo interfere no processo de construção da identidade de alunos/as do ensino médio, a partir do desenvolvimento de práticas pedagógicas que considerem a pluralidade cultural e o conhecimento de mundo desses/as participantes, a fim de que essa manifestação cultural seja compreendida pelos/as envolvidos/as na pesquisa como um dos fatores importantes para construção de sua identidade afro-brasileira e para seu processo de aprendizagem.

Destarte, a investigação será desenvolvida no Colégio Estadual Luiz Viana - CELVF, situado no município de Candeias-BA, região metropolitana de Salvador-BA, com estudantes da 1ª série do Ensino Médio com a faixa etária entre 15 e 16 anos, no turno matutino. Este colégio do ponto de vista da Secretaria de Educação da Bahia é de grande porte porque existe por 840 alunos/as matriculados/as e frequentando e, funciona tanto no diurno quanto no noturno.

É importante destacar que os/as educandos/as envolvidos/as nessa pesquisa 70% aproximadamente residem na zona urbana tanto no centro quanto em bairros periféricos da cidade e 30% na zona rural. Parte desses/as estudantes vivem em situação de vulnerabilidade social, são de famílias de baixo poder aquisitivo, com média ou pouca escolaridade. Alguns desses/as aprendizes demonstram interesse em fazer o ensino médio completo, outros manifestam desejo em ingressar em cursos técnicos e no ensino superior.

Isso posto, cabe explicar que essa pesquisa surge da necessidade do professor pesquisador em formação de discutir e refletir sobre o silenciamento e o cerceamento dos estudos das manifestações culturais afro-religiosas, nesse caso o candomblé, no ambiente escolar, principalmente no que diz respeito à cultura do uso de banhos sacrais e medicinais.

Esse silenciamento das manifestações culturais de matiz africana vem sendo vivenciado por mim e pelos/as estudantes que pertencem a esse grupo cultural, no meu local de trabalho, no CELVF, desde 2013. Nessa unidade escolar é perceptível que grande parte das práticas pedagógicas é desenvolvida sem considerar o que preconiza a lei federal 10.639/03, que torna obrigatório o estudo da cultura e história afro-brasileira e africana nas instituições de ensino, tanto pública quanto privada em todo território

nacional. Vale aditar que esta lei foi criada para que as escolas se envolvessem na batalha antirracista e também na proposta de reparação à população negra.

Diante desse fato, é possível afirmar que essa investigação é importante por acreditar que o ensino de Biologia no CELVF, pode contribuir para discutir, refletir e incluir as manifestações culturais das religiões de matiz africana tanto no currículo dessa instituição quanto na sala de aula, de modo que os saberes escolar e científico adquiridos pelos/as estudantes no contexto da escola sejam agregados aos conhecimentos construídos no ambiente familiar e em sua comunidade, e assim esses alunos/as se reconheçam pertencentes ao grupo social afro-brasileiro.

Cabe aditar que temáticas que envolvem a cultura afro-brasileira, são alvo de sectarismo e preconceito pela maior parcela da sociedade brasileira. Isto posto, quando tratadas no currículo e nas práticas pedagógicas no CELVF, não são abordadas de forma crítica, mas sempre em datas pontuais, generalizadas e com caráter folclórico. Esses traços folclóricos das atividades no ambiente escolar, que retratam a cultura Afrodescendente, reforçam a manutenção de práticas racistas.

Perante esses dados empíricos optei em trazer para dialogar com esses fatos os estudos de práticas das religiões de matrizes africanas no ambiente escolar e na construção da identidade cultural (SILVA, 2000; NOGUEIRA, 2020;), uma vez que está sendo priorizado a inserção da temática dos banhos de folhas sacrais e medicinais, utilizados nos rituais do Candomblé, nas práticas pedagógicas do CELVF oportunizando a comunidade escolar a pensar no desenvolvimento da construção identitária dos/as estudantes. E para os banhos de folhas optei pelos estudos de Verger (1995); Oxossi (2018).

É importante esclarecer que a escolha pelo estudo do uso de banhos de folhas sacrais e medicinais, como manjerição-roxo, alfavaca-roxa, alecrim e babosa, entre outras, se deu porque percebi que essa cultura é trabalhada bem superficialmente no CELVF, apesar de saber que a prática de banhos de folhas está enraizada na cultura popular da cidade de Candeias-BA, onde o colégio está situado. No entanto, esses banhos são usados considerando apenas o aspecto medicinal, e isso nos faz pensar no silenciamento do caráter ritualístico ligado às religiões de matriz africana.

Vale ressaltar que a compreensão de banhos sacrais, ligados ao candomblé, neste estudo, é de que eles combatem os desequilíbrios espirituais de uma pessoa, ocasionados pelas energias negativas emanadas em ambientes sociais diversos que o indivíduo coabita. Por outro lado, os banhos medicinais são relacionados à melhoria ou

a cura das enfermidades e instabilidades do corpo físico. Entretanto, para Oxóssi (2018), os dois tipos de banhos se complementam, estabilizando o binômio corpo-espírito, através da ativação do poder mágico de cada planta.

Compartilhado o contexto e essas abordagens iniciais, vale evidenciar que, para atingir os objetivos, o estudo será constituído por uma abordagem autoetnográfica (SILVA, 2017) e etnográfica (ANDRÉ, 2012). O estudo de tipo autoetnográfico é o procedimento metodológico que consideramos o mais adequado para realização deste estudo, uma vez que o professor é pesquisador e ao mesmo tempo um participante da pesquisa. Este pesquisador/pesquisado compreende a si mesmo através da reflexão e do contexto sociocultural que está imerso. (Silva, 2017).

Conforme essa ótica, é possível afirmar que a autoetnografia faz parte da abordagem etnográfica. Esse caráter etnográfico é importante para a descrição das práticas culturais dos/as estudantes pelo olhar minucioso do professor. (ANDRÉ, 2012). A etnografia escolar possibilita que o professor, ao mesmo tempo em que desenvolve sua experiência, também estuda todo o contexto da escola onde leciona considerando o conhecimento de mundo dos/as participantes que constituem a sala de aula e as condições intrínsecas nas quais ocorre o ensino-aprendizagem.

Essas abordagens metodológicas foram escolhidas pelo fato de que os conhecimentos empíricos desse grupo social, sobre o uso das folhas em banhos, fazem parte também do cotidiano dos/as estudantes, porque estes conhecimentos populares estão enraizados na sociedade brasileira e são passados de geração a geração, através da oralidade. (VERGER, 1995). Diante dessa perspectiva, é importante que o (a) professor/a desenvolva práticas pedagógicas que valorizem as narrativas orais dos/as discentes, pois possibilita o significado da vivência individual, coletiva e familiar. (Meihy e Holanda, 2017).

Por todos os argumentos supracitados, considero ser necessário elaborar e desenvolver um projeto de intervenção, sobre a temática do uso de banhos de folhas sacrais e medicinais, com a finalidade de verificar quais as estratégias de ensino mais adequadas para estabelecer um diálogo entre as culturas da escola e as culturas dos (as) participantes da pesquisa.

Este projeto de intervenção será desenvolvido em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, Matutino, no CELVF, para que os/as discentes envolvidos/as nesse processo tenham a oportunidade, por meio de sua narrativa oral e através de rodas de conversa de reconhecer e ressignificar suas experiências com os banhos de folhas,

também utilizados na cultura das religiões de matrizes africanas. Esse movimento de revisitar sua história de vida oportunizará que os/as discentes explicitem o seu ponto de vista, suas angústias e reflitam sobre as práticas da cultura afro-brasileira que foram cerceadas ao longo do tempo. Além disso, será analisada a recepção dos atores que compõem a sala de aula em relação à temática dos banhos de folhas sacrais e medicinais.

Durante o processo desenvolvimento do projeto didático, os/as discentes, com a minha orientação devem produzir um documentário que registre todas as suas atividades. Esses/as estudantes também poderão explicitar seu ponto de vista sobre a metodologia de ensino utilizada, quais foram às dificuldades e facilidades que enfrentaram durante o desenvolvimento dessa proposta de estudo. Esse produto final, o documentário, poderá ser compartilhado com a comunidade escolar em forma de vídeo.

Em face do que foi apresentado pressupõe-se que há necessidade da criação de condições didáticas para que ocorra efetivamente a troca de saberes entre discentes, docentes e a comunidade escolar sobre as manifestações culturais afro-brasileiras. Essa permuta garantirá o direito de aprender dos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIA

ANDRÉ, M.E.D.A. de. **Prática Pedagógica: Etnografia da Prática Escolar**. 18ªed. São Paulo: Papirus, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n. 9.394/96**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em: 15 de julho de 2021.

\_\_\_\_\_. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer pensar**. 2ª ed. São Paulo: contexto, 2017.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; pólen, 2020.160 p.

OXÓSSI, Diego de. **O Poder das folhas: banhos, defumações e magias**. 2. ed. Mairiporã: Ed. Arole Cultura, 2018.

SILVA, Laureci Ferreira da. **Letramentos acadêmico-científicos na formação continuada de professoras de língua portuguesa**. 2018.Tese (Doutorado em educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador-Bahia. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis/ Tomaz Tadeu da silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé: O uso das plantas na sociedade de iorubá**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 766p.